

## A GEOGRAFIA DA CANA-DE-AÇÚCAR EM UBERLÂNDIA E NA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO

KÁREN CRISTINA DE FÁTIMA GUEDES ALBINO<sup>1</sup>; ROSSELVELT JOSÉ SANTOS<sup>2</sup>

**RESUMO:** No propósito de analisar o processo de (re) definição dos investimentos de capitais no Cerrado, no contexto atual da expansão da cana-de-açúcar, este trabalho fundamenta-se principalmente sob a concepção de que se trata de um processo de (re) ocupação das terras deste domínio, sendo necessária uma investigação clara e objetiva dos vários aspectos geográficos implicados nesse processo. Como na região do Triângulo Mineiro as lavouras de cana também incluem usinas de produção de álcool e açúcar que têm como destino muitas vezes municípios carentes de aporte infra-estrutural, a presença de trabalhadores temporários tende a agravar deficiências no setor de serviços, principalmente nos setores de saúde, de segurança, de educação e de moradia. Dessa forma, o objetivo geral deste projeto se qualifica como o estudo dos impactos da expansão agrícola da cana-de-açúcar no Triângulo Mineiro – em especial dos distritos uberlandenses de Miraporanga e Tapuirama e do município de Santa Vitória - com o enfoque para as relações sociais desenvolvidas entre as populações locais e os migrantes, trabalhadores temporários nas lavouras de cana-de-açúcar, durante os processos de alteração dos territórios que se processam a partir dessa nova dinâmica.

**PALAVRAS-CHAVE:** cana-de-açúcar, território, migrantes, Santa Vitória, cultura.

**RÉSUMÉ:** Avec l'intention d'analyser le processus de (re) définition des investissements de capitaux dans le Cerrado, sur le contexte actuel de l'expansion de la canne à sucre, ce travail s'est basé principalement sous la conception qu'il s'agit d'un procès d'occupation des terres de ce domaine, en étant nécessaire une recherche claire et objective des plusieurs aspects géographiques impliqués pour ce procès. Comme la région du Triangle Minier (MG) les labours de canne à sucre incluent des usines de production d'alcool et du sucre, qui ont comme destination, plusieurs fois, villes pauvres d'infrastructure, et la présence des travailleurs temporaires peut aggraver des insuffisances dans le secteur de services, principalement dans les secteurs de santé, de sécurité, d'éducation et de logement. L'objectif

---

<sup>1</sup> Instituto de Geografia (IG), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Rua Alberto Alves Cabral, nº 1037, Bairro Santa Mônica, CEP 38408-226. kkcrisrina@gmail.com.

<sup>2</sup> Instituto de Geografia (IG), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Av. João Naves de Ávila, nº 2160, Bloco H, sala 1H19. rossselvelt@ufu.br.

général de ce projet se qualifie comme l'étude des impacts de l'expansion agricole de la canne dans le Triângulo Mineiro - en particulier des districts d'Uberlândia de Miraporanga et de Tapuirama, et de la ville de Santa Vitória - en cherchant de la compréhension des relations sociales développées entre les populations traditionnelles et les migrants, les travailleurs temporaires dans les labours de canne à sucre, pendant les processus de modification des territoires qui se développent à partir de cette nouvelle dynamique.

**MOTS CLÉS:** canne à sucre, territoires, migrants, Santa Vitória, culture.

## 1. INTRODUÇÃO

O açúcar brasileiro apresentou o seu primeiro momento de importância, tanto no contexto nacional quanto no contexto comercial global, durante a colonização do território, em virtude do aumento das exportações do produto para a Europa, graças ao seu baixo preço e ao crescente consumo no Velho Mundo. Dessa forma, durante o século XVI e até o início do século XVII, o Brasil se manteve como maior produtor de açúcar do mundo.

Embora a cultura tenha se disseminado por outros países, o Brasil continuou ao longo de sua história e ainda se mantém como um dos principais produtores de cana-de-açúcar e dos seus derivados, devido às políticas estatais favoráveis à sua produção. Nesse contexto, segundo Severo (2006), o Programa Nacional do Alcool, o Pró-Alcool, que surgiu na década de 1970, em um momento de aumento dos preços do petróleo como uma tentativa de suprir a carência do país pelo produto e por seus derivados, ocasionou o aumento na produção da cana-de-açúcar e a ampliação da área plantada.

Exemplificando essa expansão, no ano de 1975 a área de cultivo de cana no Brasil atingiu um total de 2 milhões de hectares e uma produção de aproximadamente 89 milhões de toneladas (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 2008). Já em 1990, quando o Programa já estava em acentuado declínio, a área plantada de cana-de-açúcar totalizou mais de 4 milhões de hectares e uma produtividade de 263 milhões de toneladas (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 2008). Esse aumento foi possível porque o Pró-alcool estimulou o desenvolvimento de novas técnicas agrícolas que ampliaram as áreas de cultivo de cana e a produtividade, fomentando então o desenvolvimento de pesquisas que tornaram o país detentor de conhecimentos e recursos tecnológicos pioneiros para a produção do etanol.

Tal conjuntura política nacional da década de 1970 somada ao Projeto de Desenvolvimento do Cerrado (PRODECER) e aos programas de incentivo ao desenvolvimento agroindustrial no Estado de Minas Gerais foram responsáveis pela

ampliação da produção agrícola no estado que, em especial, atingiu principalmente a região do Triângulo (CLEPS JUNIOR, 1998).

Segundo Brandão (1989), o Triângulo Mineiro que em 1975 respondia por uma produção baixa em relação ao total produzido pelo Estado de Minas Gerais, contribuindo com apenas de 7,6% do total produzido, passou no ano de 1988 para a posição de maior destaque, detendo 37% do todo. Tais transformações impactaram amplamente o campo da região, que se viu invadido por uma nova dinâmica que imprimiu novas características nos modos de vida da sua população e nas formas do homem se relacionar com a terra.

Somado a isso, tem-se um contexto nacional propulsor ao engrandecimento do contingente de trabalhadores temporários no campo, que historicamente tem alterado a estruturação populacional da região. Conforme Cacciamali (1986) apud Staduto et all (2004), existem dois grandes motivos para o a grande expansão da utilização da mão-de-obra temporária na atividade agropecuária brasileira, a partir da década de 1960: o primeiro seria a criação do Estatuto do Trabalhador Rural (ETR, Lei 4.214 de 02/03/1963), que surtiu nos empregadores rurais o desejo de se eximirem ao máximo dos direitos previstos pelo ETR, fazendo com que estes restringissem tanto quanto possível o número de trabalhadores agrícolas residentes em suas fazendas; e o segundo, que seria a especialização da atividade agrícola nas diversas regiões do país. Esta teria gerado por sua vez a especialização de culturas e atividades em diferentes áreas, culminando na descontinuidade na produção no território nacional e na utilização da mão-de-obra temporária. A partir de então, ao se tratar das lavouras de cana-de-açúcar, essa mão-de-obra caracterizou-se fundamentalmente por migrações temporárias ou permanentes em massa, principalmente no sentido Nordeste e/ou Norte de Minas para as demais áreas da região Sudeste.

Tais migrações mais a mudança dos padrões produtivos regionais refletiram diretamente nas relações entre e intra o rural e o urbano, já que as pessoas inseridas neste contexto, tanto os trabalhadores advindos de outros locais quanto as populações residentes nas áreas onde se processaram tal dinâmica, sofreram várias imposições sociais que as levaram a se adaptar e a modificar as suas práticas sociais para se manterem nos lugares sobre os quais a cana avançou.

Dessa forma, uma vez que a expansão do cultivo da cana-de-açúcar significou não apenas o reordenamento espacial do território, mas também implicou na reestruturação das relações sociais e de produção, afetando direta e indiretamente populações locais e migrantes, torna-se importante analisar a partir das paisagens criadas por essas lavouras as

transformações sócio-espaciais que surgiram em sua decorrência. As consequências geradas pelas políticas desenvolvimentistas vão além de criar nas diversas áreas de Cerrado paisagens geográficas dominadas pela cana-de-açúcar. Além de tais paisagens têm-se ainda as usinas de álcool, os bancos, as redes de comunicação e de transportes ligando o local ao global, além das migrações de trabalhadores temporários.

Somado a isso, o recente aumento da preocupação mundial com o esgotamento das fontes energéticas não-renováveis e a procura por fontes de energia menos poluentes, têm feito com que os países, incluindo o Brasil, busquem o desenvolvimento e a aquisição de tecnologias que lhes permitam a auto-suficiência energética. Nesse sentido, o governo brasileiro tem realizado investimentos no setor e uma série de parcerias com outros países tanto para a venda das tecnologias que possui quanto para o fornecimento de biocombustíveis, como o biodiesel e o etanol. Tal conjuntura tem estimulado a intensificação do plantio da cana em certas áreas do país onde tradicionalmente já existia a predominância desta cultura, e o surgimento da mesma em novas áreas.

A respeito disso, Santos (2005) informa que:

A produção atual das usinas está em torno de 17 bilhões de litros de álcool por ano, sendo que o segmento está estruturado para produzir no máximo 20 bilhões. Já a área ocupada pelos canaviais é de 6 milhões de hectares. As projeções apontam para uma demanda interna entre 27 a 30 bilhões de litros nos próximos cinco anos, o que exigiria a ampliação da área de cultivo para nove milhões de hectares. Adicionalmente, com a queda dos subsídios europeus, o comércio mundial de açúcar deverá crescer a uma taxa de 3% ao ano, não deixando dúvida quanto ao ambiente propício para investimentos no setor. Tanto é assim que todas as 321 usinas brasileiras possuem projetos de ampliação, sem considerar os 45 projetos em fase de implantação. (...) Os investimentos também contemplarão o Triângulo Mineiro, o Sul de Goiás, o Rio de Janeiro e o Norte do Paraná. Vale mencionar que o setor já desperta o interesse de investidores estrangeiros, ligados ou não aos negócios do açúcar e álcool, a exemplo do grupo alemão Sudzucker, que controla mais de 50 empresas por toda a Europa (SANTOS, 2005, p. 3).

O autor afirma ainda que em 2004, mais de 66% da quantidade produzida de cana-de-açúcar encontrava-se concentrada na região Sudeste, o que sugere que este contexto tenha promovido uma série de dinâmicas e transformações que surgem com o intuito de adequar tanto a região, nos seus diversos aspectos à produção, quando de adaptar a produção às condições do local.

No propósito de analisar o processo de (re) definição dos investimentos de capitais no Cerrado, no contexto atual da expansão da cana-de-açúcar, este trabalho fundamenta-se principalmente sob a concepção de que se trata de um processo de (re) ocupação das terras deste domínio, sendo necessária uma investigação clara e objetiva dos vários aspectos geográficos implicados nesse processo. Como na região do Triângulo Mineiro as lavouras de

cana também incluem usinas de produção de álcool e açúcar que têm como destino muitas vezes municípios carentes de aporte infra-estrutural, a presença de trabalhadores temporários tende a agravar deficiências no setor de serviços, principalmente nos setores de saúde, de segurança, de educação e de moradia.

Pensando que todos esses fenômenos se desenvolvem no espaço e criam efeitos de territorialidades, é importante analisar o território, enquanto conceito geográfico, para entender a sua criação e aniquilação, de acordo com esta conjuntura. Haesbaert atribui três vertentes de estudo do território: a primeira, com enfoque jurídico-político, na qual o território é regido pelo poder, especialmente de caráter estatal; a segunda, de cunho cultural, composta por subjetividades e vontades que culminam na criação do território; e a terceira, de caráter econômico, que percebe as territorialidades na sua perspectiva material, fruto das relações capitalistas (HAESBAERT apud SPOSITO, 2004). Sem desconsiderar as demais, é importante ressaltar que o enfoque deste trabalho encontra-se em analisar a vertente cultural do território, relacionada com a dinâmica da cana-de-açúcar no contexto em questão. Analisando, portanto, a dinâmica sucroalcooleira sobre a perspectiva do território, é possível perceber uma série de transformações do mesmo: a referente aos migrantes, que ao se dirigirem para as lavouras da região do Triângulo Mineiro se desterritorializam temporária ou permanentemente do seu local de origem e se reterritorializam na região; a das populações locais que ao receber a dinâmica imposta pela expansão da cana, criam novos usos e interpretações do território; e a da própria produção, que cria uma cadeia de processos e atividades vitais para o seu pleno funcionamento, construindo assim os territórios da cana-de-açúcar na região.

Sobre esses processos de territorialização, Guattari e Rolnik (1986, p. 323) afirmam que:

O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 323)

Novas territorialidades são estabelecidas a partir de atividades econômicas que invadem os lugares já existentes. Tais territorialidades são entendidas como criações das pessoas, pois estão ligadas às várias necessidades sócio-espaciais e ao vivido, uma vez que centralizam significados e relações interpessoais mediadas por práticas e representações sociais, a partir, neste caso, da instalação das grandes lavouras. Para os pequenos núcleos

urbanos, as lavouras surgem com modernidades e impõem novas mediações tecnológicas que chocam com as formas mais arcaicas da população se relacionar com o seu meio.

Surgem ainda as grandes empresas, investidores, novos loteamentos, mercados, serviços, entre outros, que rompem com o padrão de vizinhança predominante nas pequenas cidades, onde todos convivem com todos, onde se conhece o vizinho, onde é comum as pessoas se sentarem às portas das suas casas para conversar umas com as outras, onde não há grandes preocupações com a violência, onde o mercado vende fiado, ou seja, onde prevalecem relações de confiança e companheirismo. Assim, tais relações dão lugar à incerteza, ao crescimento vertiginoso da área urbana, às fazendas cujo proprietário não se conhece, ao vizinho que é estranho aos demais, à limitação dos laços de amizade entre a população, ao alongamento das distâncias da cidade e também à insegurança. Os indivíduos que outrora se viam imersos em uma vida pacata com uma rotina pré-estabelecida se vêem invadidos pelas novidades, que lhes impõem exigências e finda com características marcantes dos seus modos de vida de até então.

Já acerca dos fluxos populacionais, uma vez que os processos ligados ao território são compostos por uma dinâmica de atração e expulsão, conforme Fazito (2002), o Nordeste tem se caracterizado, em termos migratórios, como uma área emissora de migrantes para o Sudeste há várias décadas. Em contrapartida, a região Sudeste tem sido, historicamente, a região de maior atração migratória do país, apesar de que os estados de Espírito Santo e Minas Gerais tenham se configurado como áreas atrativas mais recentemente.

Levando-se em conta todos esses processos, entende-se que as paisagens criadas no movimento de expansão da cana-de-açúcar tornam-se uma referência importante para se pensar os processos de transformações do espaço, da natureza e dos homens. Tais paisagens, além de significar a padronização do espaço visível, refletem e englobam as pequenas cidades - que muitas vezes são as que recebem tais empresas agrícolas -, as grandes cidades - que lhes fornecem o aporte infra-estrutural -, as populações locais - que passam a conviver com toda essa nova dinâmica que lhes é imposta -, os fluxos populacionais - que se processam de forma intensa no seu entorno imediato -, o meio ambiente - que é alterado com a introdução da monocultura canavieira -, e o homem, que a partir desse momento se altera social, econômica e culturalmente. É nesse sentido que este estudo enfoca a região de entorno das usinas sucroalcooleiras, onde todos os aspectos aqui já abordados se processam com maior ênfase, com sérios impactos na vida dos indivíduos e dos grupos sociais envolvidos direta e indiretamente com as grandes lavouras.

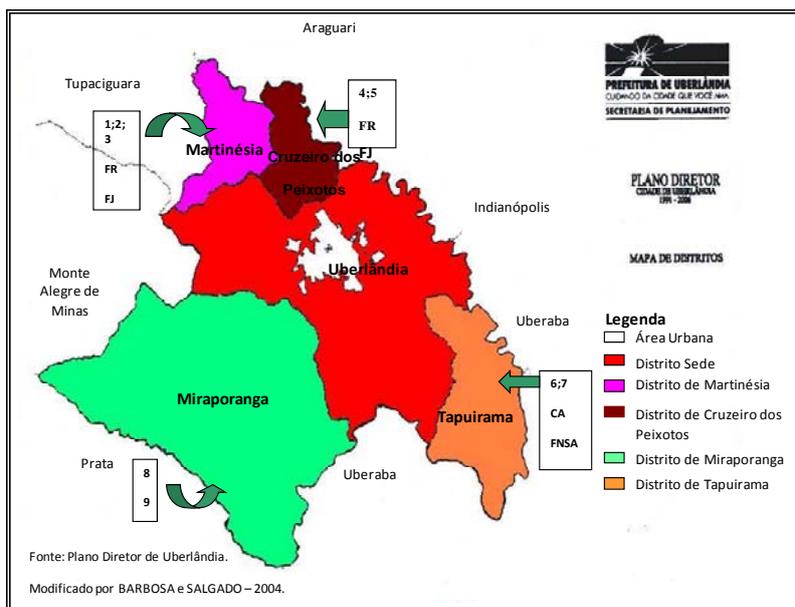
Dessa forma, o objetivo geral deste projeto se qualifica como o estudo dos impactos da expansão agrícola da cana-de-açúcar no Triângulo Mineiro – em especial dos distritos uberlandenses de Miraporanga e Tapuirama (mapa 01) e do município de Santa Vitória (mapa 02)- com o enfoque para as relações sociais desenvolvidas entre as populações locais e os migrantes, trabalhadores temporários nas lavouras de cana-de-açúcar, durante os processos de alteração dos territórios que se processam a partir dessa nova dinâmica.

## **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

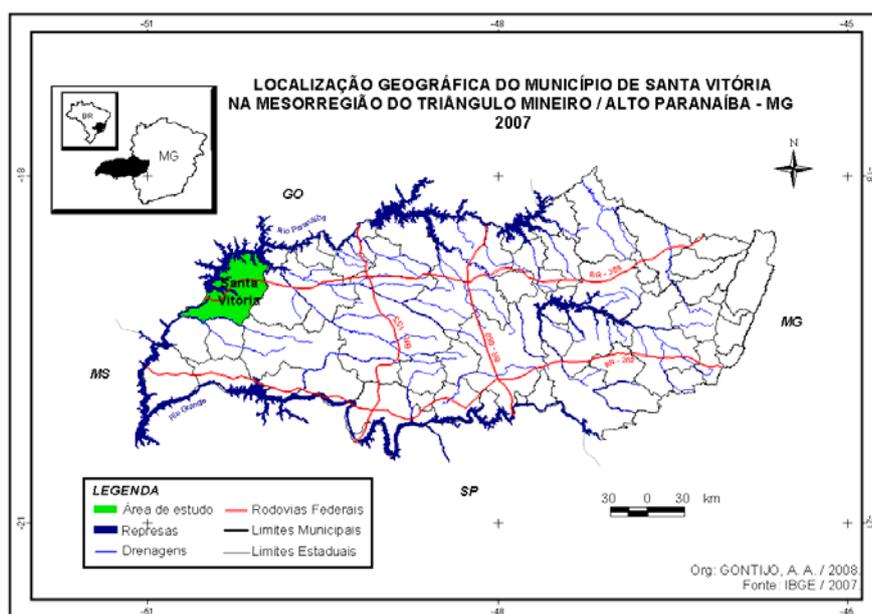
Visando atender aos objetivos propostos por esse estudo, em primeiro lugar foi realizada uma ampla revisão bibliográfica com o intuito de fornecer o suporte teórico necessário ao estudo das temáticas aqui tratadas, como a geografia cultural, as questões migratórias, as relações sociais de produção, as práticas sociais, entre outras.

Para averiguar os fluxos migratórios e de capitais que se processam nesse contexto, foram consultados não só representantes e funcionários das empresas sucroalcooleiras, como também a própria população dos distritos de Miraporanga e Tapuirama e do município de Santa Vitória, e os migrantes, a fim de se observar as disparidades que se estabelecem entre os discursos oficiais e os informais. A partir disso, tornou-se possível refletir acerca da grandiosidade do impacto do grande empreendimento canavieiro na vida dos grupos sociais envolvidos e aqui considerados.

Foram realizados trabalhos de campo nas áreas estudadas, com entrevistas de pessoas envolvidas nesta dinâmica, o que permitiu a investigação das relações que as comunidades distritais e a população de Santa Vitória desenvolvem nesta nova conjuntura política e econômica. A partir disso realizou-se ainda a análise da questão do migrante neste novo contexto econômico e social. Através das pesquisas formais, dos diálogos informais e da observação da paisagem durante as idas ao campo, tornou-se possível estabelecer conclusões mais contundentes a respeito das formas de inserção, de expressão e de aceitação social do migrante neste novo ambiente.



Mapa 01: Área municipal de Uberlândia (MG) e localização de seus distritos, 2007.  
 Fonte: Plano Diretor de Uberlândia. Modificado por BARBOSA e SALGADO – 2004.



Mapa 02: Localização Geográfica do Município de Santa Vitória na Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba – MG  
 Organizado por GONTIJO, A. A., 2008.  
 Fonte: IBGE, 2007.

A observação da paisagem se tornou um elemento fundamental para se alcançar os objetivos deste projeto, uma vez que a partir dela foi possível observar as formas de expressão cultural tradicionais das populações, as relações e os choques que se dão entre estas expressões e os modos de vida dos migrantes, bem como os desdobramentos desta dinâmica nas realidades vividas por cada um.

Foram utilizados também dados estatísticos de órgãos oficiais que informaram quantitativa e qualitativamente a forma com que a expansão da atividade sucroalcooleira e os fluxos migratórios têm se processado no território nacional e no contexto regional e local.

A partir da coleta dos dados e das informações, foram realizadas as análises necessárias para o cumprimento dos objetivos aqui explicitados.

### **3.RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Data do seu passado colonial a importância da agricultura de exportação para a economia brasileira, economia esta que apresentou ciclos com auges de diferentes culturas, como o da cana-de-açúcar, o do café e o da borracha. Vários foram os momentos em que a produção de determinada espécie vegetal, que possuía o enfoque dos grandes agricultores, deu lugar a uma nova produção, imprimindo redefinições e novas posturas à economia, ao campo e à população do país.

Sabendo ainda que um projeto de produção agrícola ideal seria aquele que enfoca em primeiro plano as necessidades da população do país produtor e em segundo plano as necessidades de um mercado internacional, sem, todavia, desconsiderar a importância em se competir globalmente, torna-se irônico pensar que a cada ano o campo brasileiro é tomado por grandes unidades de produção agroexportadoras, que não só invadem como também aniquilam as pequenas propriedades onde, tradicionalmente, havia o cultivo diversificado de culturas que visavam o abastecimento interno. Assim, cada vez mais produtos como o arroz, o feijão, a batata, o milho, a mandioca, etc., têm perdido lugar para a produção de soja e de cana-de-açúcar, por exemplo, em virtude da demanda e dos benefícios que os produtores brasileiros têm encontrado para a produção e venda destes segundos no mercado internacional.

Torna-se importante também refletir acerca dos padrões de consumo mundiais, uma vez que países como os EUA e o continente Europeu, em virtude das suas grandes necessidades e consumo energéticos, têm acelerado o esgotamento de fontes não-renováveis como o petróleo e o carvão mineral, e tornado fundamental a busca por novas fontes de energia. Enquanto se pôde consumir tais recursos sem se preocupar com o seu iminente fim, relativamente pouco foi feito na tentativa de buscar novas matrizes energéticas menos poluidoras ou que ao menos suprissem de forma proporcional a utilização destes. Todavia, os últimos anos que somam ao rareamento de reservas energéticas não renováveis à geração de conflitos nas áreas de concentração das mesmas, como na Rússia e no Oriente Médio, têm

ressaltado a fragilidade do sistema econômico global, perceptível sensivelmente através do aumento dos preços destes recursos, o que por sua vez têm proporcionado o aumento da busca por novas fontes de energia.

Após o desbravamento econômico de grande parte do subsolo do planeta, a busca partiu para a esfera externa, e tem avançado sobre a superfície em forma do cultivo de espécies vegetais oleaginosas, por exemplo, como o milho, o girassol e a soja, e gramíneas, como a cana-de-açúcar. O que se deve ressaltar, todavia, é que embora o campo brasileiro já tenha sido tomado pela produção agrícola de exportação, a cana-de-açúcar tem reafirmado a tendência da política econômica do país em privilegiar a economia externa, em detrimento das próprias necessidades de consumo da sua população. Mais nítida ainda tem se tornado a certeza de que, enquanto não houver outras possibilidades menos dispendiosas e mais práticas que a produção de energia a partir dos subprodutos de plantas, cada vez mais o campo, não só do Brasil como do mundo, se verá inundado por esta dinâmica.

Se analisarmos questões como o enfoque produtivo, a expansão agrícola sobre novas áreas e a invasão de novos cultivos sobre locais onde havia o predomínio de outras culturas, é possível pensar que as novas tendências agrícolas que têm invadido o campo brasileiro muito se assemelham às de outrora. Todavia, as diferenças surgem quando começamos a refletir a respeito da nova conjuntura que propicia a expansão atual. Com o objetivo de facilitar as conclusões acerca dessas disparidades, enfocando a recente expansão da produção canavieira no Brasil, é possível delimitar três períodos-auge distintos: o colonial, quando a base da produção estava concentrada nos engenhos, unidades estas movidas pela mão-de-obra escrava cuja produção estava basicamente voltada para o mercado europeu, que encontrou o seu declínio por volta de 1760; o referente ao Pró-álcool, que teve início na década de 1970 e entrou em crise na década de 1990; e o atual, resultado de uma conjuntura internacional, de procura por novas fontes energéticas. Todavia, embora se tratando da cana sejam estabelecidos ciclos, é importante ressaltar que tal cultura, desde a sua introdução no território nacional até os dias atuais, sempre se manteve como importante produto na pauta das exportações do país.

O primeiro período-auge, denominado por muitos autores como “ciclo da cana-de-açúcar”, se estendeu do início da colonização até aproximadamente o ano de 1760 e se consolidou como o núcleo econômico central do Brasil-colônia. Conforme NARITOMI (2007):

A economia do açúcar se estruturou no chamado *plantation* com base em três elementos básicos: latifúndio, monocultura e trabalho escravo. Juntamente com a plantação da cana, nasceram, no Brasil, a grande propriedade rural e a sociedade patriarcal e escravocrata. O engenho de açúcar era um empreendimento que exigia um grande volume de recursos para ser iniciado. As terras eram concedidas àqueles que tinham alguma relação com a coroa portuguesa ou com os capitães donatários e que possuíam recursos para ocupá-las e nelas produzir. Além disso, o ciclo do açúcar só foi possível devido à solução do problema da mão-de-obra: o escravo africano (NARITOMI, 2007, p. 39).

A autora afirma que a polarização entre o senhor de engenho e o escravo, somada à condição do Brasil de colônia orientada pela monocultura latifundiária exportadora foram os elementos que fundaram as instituições políticas e econômicas nas zonas açucareiras de outrora. Ao passo que Portugal mantinha uma estrutura de poder burocrática e centralizada, eram os proprietários dos latifúndios, os senhores de engenho, que exerciam poder não só nas suas propriedades como também na sua região de entorno. Assim, a configuração política e social da economia do açúcar, caracterizada por uma deficiente distribuição de terras, tem ainda reflexos na realidade atual do campo brasileiro, uma vez que a concentração de terras no Brasil tem suas raízes no seu passado colonial (LEAL, 1997; ASSUNÇÃO, 1996, apud NARITOMI, 2007).

Neste primeiro período, a economia colonial se apoiou basicamente nos engenhos. Em contrapartida, quando os holandeses, que por décadas se aproveitaram da permissão portuguesa para financiar e explorar o cultivo da cana no Brasil, foram expulsos do território nacional, disseminaram esta cultura pela Ásia, gerando assim uma maior competitividade, a queda nos preços e, conseqüentemente, uma grave crise econômica no sistema. A coroa portuguesa se viu então compelida a mudar os rumos da economia da colônia, que se voltou então para a extração do ouro, sem, todavia, findar com a produção da cana, que apresentava ainda grande importância tanto para a metrópole quanto para a colônia.

O segundo período-auge da cana no Brasil iniciou-se em 1975, com o lançamento do Pró-álcool pelo governo, em um contexto de crise energética desencadeada pelo o aumento vertiginoso do preço do petróleo. Conforme reportagem de Bertelli (2005), no sítio Portal do Biodiesel:

A crise internacional elevou os gastos do Brasil com importação de petróleo de US\$ 600 milhões em 1973 para US\$ 2,5 bilhões em 1974. O impacto provocou um déficit na balança comercial de US\$ 4,7 bilhões, resultado que influenciou fortemente na dívida externa brasileira (da época e futura) e na escalada da inflação, que saltou de 15,5% em 1973 para 34,5% em 1974.

Com o objetivo de minimizar os gastos do país com as importações de petróleo e de barrar uma crise energética com maiores repercussões, o governo brasileiro deu início ao programa que, mesmo tendo atingido o seu declínio na década de 1990, consagrou o álcool

combustível como uma alternativa permanente para a população. Segundo Bertelli (2005), a substituição da gasolina pelo álcool no período de 1976 a 2004 representou uma economia de US\$ 61 bilhões para o país.

Com importantes significações econômicas, todos os incentivos à plantação da cana e ao consumo do seu subproduto resultaram também em inúmeras alterações não só no campo, como também nas relações desenvolvidas entre o urbano e o rural brasileiro. A partir dos diversos incentivos do Governo Federal e do governo de alguns estados para o cultivo em áreas até então dominadas por outras culturas, surgiram novos padrões produtivos que refletiram por sua vez nos modos de vida da população de diversas áreas.

Em Minas Gerais, por exemplo, onde uma grande porcentagem de terras é dominada por pastagens, naturais e plantadas, nas décadas de 1975 a 1996 houve um acentuado declínio na área total das mesmas, que caiu de 32 milhões para 24 milhões de hectares. Todavia, no mesmo período, a utilização de terras pela agricultura temporária, o que inclui a soja e a cana-de-açúcar, saltou de 4 milhões para 11 milhões de hectares (IBGE, 2008). Assim, é possível refletir que toda essa dinâmica consagrou novas condutas no campo, pois o aumento do plantio de soja e de cana, em detrimento da diminuição das áreas de pastagem, repercutiu em novas formas do homem se relacionar com o campo.

Nesse contexto, é possível que um grande número de proprietários rurais se viram então estimulados e/ou compelidos a alterar os rumos das suas atividades agrícolas, o que resultou no surgimento de novos modos de vida no ambiente rural. Tais alterações são facilmente perceptíveis na utilização de novas técnicas, maquinários e até mesmo de novos padrões de mão-de-obra, que passaram a mediar a relação do homem com o seu meio. Embora o Pró-álcool tenha sido encerrado na década de 1990 em virtude da queda no preço do petróleo e na saturação do mercado do álcool, a produção de cana continuou a subir, atingindo, mais uma vez, um vertiginoso crescimento nos anos seguintes.

Assim, pensar neste novo momento de expansão da cana no território brasileiro permite refletir acerca das especificidades deste novo processo. Em um momento de nova crise mundial, quando o barril do petróleo atinge a marca de US\$ 110,00 (em 1 de setembro de 2008)<sup>3</sup> – sendo que na época da primeira crise do petróleo, em 1973, estima-se o valor de

---

<sup>3</sup> Conforme o sítio Yahoo Notícias, disponível em <<http://br.noticias.yahoo.com/s/afp/080901/economia>>. Acessado em agosto de 2008.

aproximadamente US\$ 42,00, e na segunda crise, de 1979, o preço atingiu os US\$ 80,00<sup>4</sup> -, torna-se nítido que está acontecendo mais uma crise internacional do produto.

A série de parcerias que o Brasil tem realizado no plano internacional em relação à produção do etanol, evidenciadas sobretudo pela vinda do presidente americano George W. Bush em maio de 2007 ao país (TERRA NOTÍCIAS, 2008), demonstra a preocupação global em relação ao esgotamento e à alta dos preços dos combustíveis obtidos através de recursos não-renováveis, e celebra o início de uma grandiosa competição internacional pelo domínio deste mercado. Concomitante a isso, o governo brasileiro tem criado programas de incentivo à produção do Biodiesel em pequenas propriedades rurais (PORTAL DO BIODIESEL, 2008), o que somado ao quadro comercial favorável à produção do etanol, tem criado redefinições produtivas, ambientais e sócio-culturais no campo brasileiro.

Fora isso, ao pensarmos na grandiosidade deste processo e o compararmos aos outros momentos-auge que ocorreram no passado, no caso da cana-de-açúcar, essa dinâmica que possui primeiramente um enfoque econômico responde por processos de territorialização no Brasil, conforme especificados anteriormente, que irrompem sobre identidades culturais que vão sendo aniquiladas e, ao mesmo tempo, criadas, em conjunção à construção de diversas sociabilidades. Ao focarmos o estudo destes processos com ênfase nos seus aspectos culturais, analisando a sua influência nos modos de vida tradicionais da região mineira do Triângulo, onde se encontram inseridas as áreas de estudo correspondentes ao município de Santa Vitória e aos distritos de Uberlândia, Miraporanga e Tapuirama, compreendemos que tais modos podem ser entendidos como formas da população local se relacionar com o meio, em suas diversas facetas.

Assim como no passado colonial as plantações de cana se consolidavam no entorno dos engenhos, no presente, a unidade produtora que agrega as plantações e a maior parte da dinâmica de produção e escoamento desta cultura são as usinas (figura 01).

---

<sup>4</sup> Conforme o sítio Economia & Energia, disponível em <[http://ecen.com/eee47/eee47p/precos\\_petroleo\\_3choq.htm](http://ecen.com/eee47/eee47p/precos_petroleo_3choq.htm)>. Acessado em agosto de 2008.



Figura 01: Usina Uberaba, localizada no município de Uberaba, próxima ao distrito de Tapuirama (MG).

Autora: ALBINO, K. C. F. G., 2008.

Tais estruturas agregam, além de todos os maquinários para o processamento da cana, extensas áreas no seu entorno de terras arrendadas e obtidas através de parcerias, voltadas exclusivamente para o cultivo desta cultura, e muitas vezes são nessas terras onde grande parte dos trabalhadores provenientes de outras regiões vive nos chamados “barracões”. As usinas possuem ainda uma abrangência que extrapola em centenas de quilômetros a sua área, uma vez que é comum a compra da cana cultivada em outros municípios e até mesmo em outros estados, não esquecendo ainda que é comum a ocorrência de parte da mão-de-obra, não só a dos canaviais como também da que atua dentro da própria unidade produtora, ser constituída por trabalhadores advindos de outras localidades que não daquela onde as usinas se encontra.

Dessa forma, compreendendo que a dinâmica da cana-de-açúcar possui algumas especificidades em relação a cada localidade estudada, torna-se importante o desmembramento deste estudo, de acordo com os campos e as análises realizadas em cada área contemplada por este trabalho, para o estabelecimento posterior de uma análise mais completa, que integre as particularidades de todo o processo aqui abordado.

### **3.1.A expansão da cana-de-açúcar nos distritos de Miraporanga e Tapuirama**

A expansão da cana que já se processa na região do Triângulo Mineiro, tem permeado as áreas dos distritos uberlandenses de Miraporanga e Tapuirama, e já faz parte do cotidiano das suas populações.

O distrito de Tapuirama surgiu em 1819, às margens do córrego Ribeirão da Rocinha, com o soerguimento de um cruzeiro, que passou a sediar a prática de rezas de terços e leilões, com o objetivo de levantar fundos para a construção de uma capela. Essas manifestações ocasionaram a instalação de famílias nas áreas próximas ao cruzeiro, sobretudo após a construção da capela de Nossa Senhora da Abadia.

O distrito apresenta ainda resquícios de simbolismos e práticas religiosas herdados dos seus primeiros habitantes, tradicionalmente católicos, como o soerguimento de cruzeiros em muitas fazendas e a cavalhada em homenagem à padroeira Nossa Senhora da Abadia. A igreja que leva o nome da padroeira (figura 02), por exemplo, é responsável pela principal festa do distrito, realizada anualmente e que reúne além dos religiosos que lá habitam, indivíduos de outras religiões, devotos da santa que moram na cidade de Uberlândia, e comerciantes que aproveitam a aglomeração para complementar a sua renda com a venda de bebidas, brinquedos, etc.



Figura 02: Cruzeiro e igreja de Nossa Senhora da Abadia, localizados no distrito de Tapuirama.

Autora: ALBINO, K. C. F. G., 2008.

O distrito possui ainda alguns patrimônios preservados, como o coreto (figura 03), localizado também na praça da igreja, e casas de arquitetura colonial. Todavia, foi possível observar que as tradições do distrito bem como o seu patrimônio edificado têm a sua

importância cada vez mais esquecida, se analisarmos o estado de preservação dos mesmos e o contingente de pessoas que se dedicam a conservá-los.



Figura 03: Coreto, localizado na praça central do distrito de Tapuirama.  
Autora: ALBINO, K. C. F. G., 2008.

A perda da tradição faz parte do processo de desenvolvimento econômico, que traz consigo o efeito da desterritorização e da reterritorização do espaço vivido. Nesse sentido, novos hábitos e costumes se impõem às populações que, tradicionalmente, se produziam e reproduziam em função das características particulares dos meios físicos, sócio-econômicos e culturais presentes nos locais onde se inserem, obrigando-as a re-configurarem as suas práticas sociais, na busca pela inserção no novo sistema que lhes é imposto.

Se compreendermos a atualidade como um resultado de sucessões de fatos históricos que se sobrepõem uns aos outros conforme surgem novas técnicas e novas formas do homem se relacionar como o seu meio, torna-se dedutível que o que presenciamos hoje, embora tenda a influenciar no porvir, em algum momento ou terá que existir sob novas formas, com adaptações, ou será aniquilado, por não se adaptar às novas circunstâncias. Todavia, isso não significa que se deva aceitar a destruição dos caracteres históricos de uma sociedade; pelo contrário, é fundamental estes sejam preservados, pois são essas características que enriquecem os indivíduos, que lhes atribuem o sentimento de reconhecimento pessoal e social, e que constituem parte integrante de tudo que os cerca.

A importância destes aspectos culturais tanto para Tapuirama quanto para Miraporanga é notória, uma vez que a ampla ligação dos seus habitantes como o campo lhes confere um contato constante com o seu passado, conservado, sobretudo, nas pequenas propriedades, fazendo com que as características culturais inerentes àqueles que iniciaram o povoamento da região permaneçam presentes nos modos de vida das populações distritais. A

ligação que os habitantes dos distritos de Uberlândia possuem com o meio rural pode ser de moradia (quadro 01), de produção/trabalho, de consumo e/ou de lazer, e se solidificam uma vez que essas localidades não apresentam um ambiente urbano totalmente consolidado ou apto a atender a toda sua população.

Quadro 01: População total (urbana e rural) residente nos distritos de Miraporanga e Tapuirama – 1991 – 2000.

Distrito/ População		Habitantes		
		1991	1996	2000
Miraporanga	TOTAL	2.703	4.360	4.985
	Urbana	788	2.149	115
	Rural	1.915	2.211	4.870
Tapuirama	TOTAL	1.625	1.994	2.126
	Urbana	1.268	1.495	1.596
	Rural	357	499	530
Distrito/ População		Percentual		
		1991	1996	2000
Miraporanga	TOTAL	100	100	100
	Urbana	29,15	49,29	2,31
	Rural	70,85	50,71	97,69
Tapuirama	TOTAL	100	100	100
	Urbana	78,03	74,97	75,07
	Rural	21,97	25,03	24,93

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (1991 e 2000) e Contagem da População (1996).  
Adaptador por: ALBINO, K. C. F. G (2008).

Embora Miraporanga e Tapuirama apresentem diferenciações, tal ligação entre o urbano e o rural é perceptível através da análise das suas composições populacionais, sobretudo em relação a este primeiro distrito, cuja população rural é superior a 97% do total, o que permite considerar que qualquer alteração desse meio tenderá a impactar seriamente na vida de toda a sua população.

A expansão canavieira tem respondido por uma série de reposturamentos no ambiente rural desses distritos. Dentre eles, a chegada de migrantes para trabalhar nas lavouras, com os seus modos de vida que, geralmente, se diferem das suas populações locais, impacta seriamente nos seus modos de vida, auxiliando neste processo de alteração e perda e/ou substituição cultural.

O distrito de Tapuirama possuía, antes mesmo da recente expansão da cana-de-açúcar, um considerável contingente de trabalhadores advindos de outras regiões, que trabalham basicamente na extração de resina. Sobre as relações estabelecidas entre a população deste

distrito com tais migrantes, foi possível observar, durante as idas ao campo, conflitos e relutâncias em aceitar este “outro”. Em alguns pontos comerciais, quando questionados os proprietários quanto a relação que a população estabelece com os migrantes, foi possível perceber nas suas falas preconceitos e generalizações em relação a estes últimos. Tratados por “bairianos” pela maioria, estes trabalhadores são afamados de “baderneiros” e “encrenqueiros” e residem em pequenas casas afastadas da área central, em uma área chamada por todos de “favela” (figuras 04 e 05).



Figura 04: Casas habitadas pelos trabalhadores da extração de resina – Tapuirama (MG).  
Autora: ALBINO, K. C. F. G., 2008.



Figura 05: Inscrição no muro das casas dos migrantes – Tapuirama (MG).  
Autora: ALBINO, K. C. F. G., 2008.

Tendo em vista as dificuldades em se instalar e em ser aceitos nessas novas localidades, torna-se fundamental pensar as razões que levam os migrantes a sair da sua terra de origem para procurar oportunidades nos mercados de trabalho de outras regiões. Sobre estes trabalhadores que migraram para Tapuírama, Montes et all (2005) afirmam que:

Em sua maioria, os indivíduos vindos da Bahia eram agricultores e possuíam, no seu local de origem, pequenas propriedades, onde trabalhavam para seu sustento. O trabalho era geralmente feito em família e sem muita frequência. Os lucros obtidos com a produção eram insuficientes para suprir as necessidades básicas nos períodos de entressafra e de seca, quando o trabalho é escasso na região. (...) Para a classe que vive da venda da sua força de trabalho, a escassez de emprego provoca uma desestruturação na vida. A partir do momento que estes trabalhadores não têm condições financeiras para suprir suas necessidades e a dos seus familiares, devido à falta de oportunidades, passa a ocorrer a pauperização dos seus modos de vida. O baixo poder aquisitivo resulta na escassez e até na falta de condições que garantam a satisfação das necessidades básicas de alimentação, vestuário, moradia, saúde e educação. (...) Diante das dificuldades vivenciadas, importa ponderar sobre a não passividade dos migrantes nordestinos. Estes sujeitos têm consciência de que possuem a capacidade de transformar sua vida e de que esta transformação é algo possível. Eles reagem à falta de perspectivas em seu local de origem com um movimento de mudança. Decidem reverter a situação e se deslocam para outros espaços numa mobilidade social que está profundamente associada a estratégias de sobrevivência (MONTES ET ALL., 2005, p. 3 – 4).

Embora esse deslocamento dos migrantes se configure como uma tentativa dos mesmos em se inserir economicamente na sociedade e obter a sensação de pertencimento a um novo lugar, as dificuldades de se instalar, adaptar e de serem aceitos no mesmo faz com que, muitas vezes, as suas pretensões sejam frustradas. A apropriação de territórios pelas atividades econômicas que invadem o lugar, configurado outrora pelas práticas sociais dos indivíduos, que centraliza significados e relações desenvolvidos pelas experiências com o qual os indivíduos estabelecem ao decorrer de suas vidas com o território e com o próximo (TUAN, 1983).

As tensões entre a população local e os migrantes não só se consolidam como se intensificam em Tapuírama já que nas idas ao campo foi possível perceber, através de diálogos informais com a população e com os cortadores de cana, que a proximidade com algumas usinas, como a Usina Uberaba, e a relativa disponibilidade de casas de aluguel têm estimulado muitos nordestinos a se instalarem no distrito. Em algumas dessas casas que foram visitadas, é comum encontrar mais de dez trabalhadores instalados em construções precárias, dormindo em colchões espalhados pelo chão e tendo que dividir apenas um banheiro. Todavia, embora as condições de vida não sejam as ideais, grande parte desses trabalhadores se mostrou satisfeita pelas condições promissoras que lá encontraram, que são muito diferentes, segundo eles, das existentes no seu local de origem. Um deles relatou que:

“aqui em Tapuirama existe trabalho e salários bons, coisa que não existe na minha terra. Muita coisa aqui é diferente, não tem tantas festas, mas a gente acostuma e até improvisa um forró às vezes no bar ou vai pra Uberlândia. O salário daqui dá até pra mandar dinheiro pra família na Bahia e quando a saudade aperta, eu pego o ônibus e vou pra lá” (Trabalho de Campo, agosto de 2008).

Este discurso, comum a muitos trabalhadores instalados no distrito, permite refletir acerca das condições que levam os indivíduos a deixar as suas casas e as suas famílias para se submeter à distância, à saudade, às moradias precárias e às condições de trabalho penosas nas lavouras de cana. Fora isso, a não tomada de medidas pelas autoridades públicas poderá beneficiar um crescimento desordenado do distrito, cuja infra-estrutura urbana é ainda bastante modesta, precarizando a oferta dos aparelhos públicos básicos necessários a toda a população.

Compreendendo que a cana tem avançado sobre o distrito de Tapuirama e que, além de criar efeitos de padronização na paisagem, tem imprimido alterações nos modos de vida sua população, é importante compreender que essa dinâmica tem criado uma zona de abrangência que extrapola a região, atingindo áreas e populações localizadas a centenas de quilômetros do distrito. Dessa forma, esse estudo elucida a grande necessidade de um acompanhamento, por parte das autoridades públicas e da comunidade científica, do desenrolar dessa dinâmica sócio-econômica em Tapuirama, já que os impactos da mesma já se tornam nítidos no distrito.

O distrito de Miraporanga, embora também já se encontre inserido nesta problemática, possui as questões como a migração e a expansão da cana-de-açúcar presentes no seu cotidiano de forma mais branda.

Miraporanga é o distrito uberlandense que mais de dista da sede administrativa municipal (50 km). Assim como Tapuirama, encontra-se numa região de Alto de Chapada, na formação Serra Geral, possui topografia relativamente plana, onde as atividades agrícolas são importantes fontes de renda. Seu gênero de vida é basicamente voltado para o campo, onde há a predominância do plantio da laranja e da pecuária bovina (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA, 2007).

As primeiras impressões que Miraporanga causa aos seus visitantes e pesquisadores é a de que o distrito muito se assemelha ao campo, às pequenas cidades interioranas marcadas pela predominância de edificações simples, antigas e com grandes quintais.

Quanto aos caracteres herdados daqueles que iniciaram o povoamento da região, têm se tornado cada vez mais escassas as expressões culturais locais no distrito. Festas como a Folia de Reis, a de Nossa Senhora do Rosário e a Congada são realizadas pelas poucas

famílias que ainda cultivam o valor pelas práticas antigas, sem haver, todavia, a comunhão destes rituais com toda a sua população. Embora o distrito possua patrimônios arquitetônicos tombados pela prefeitura, como o Conjunto D. Domingas Camin Gazelli, edificado nos fins do século XIX, e a Igreja Nossa Senhora do Rosário de Miraporanga (figura 06), construída por volta de 1850 com estilo arquitetônico colonial, o reconhecimento da sua população quanto a essas riquezas históricas é modesto, e as práticas católicas tradicionais perderam grande parte da sua importância com a chegada das igrejas protestantes, como foi possível perceber pela realização mensal de missas em tal igreja, conforme o cronograma afixado na sua porta.



Figura 06: Igreja Nossa Senhora do Rosário de Miraporanga.  
Autora: ALBINO, K. C. F. G.

Em Miraporanga, foi possível constatar que, embora a expansão da cana-de-açúcar caminhe em ritmos mais lentos, ela deve ter o seu desenrolar acompanhado já que quanto maior ela for, maior serão os seus impactos para o pequeno núcleo urbano.

As plantações próximas ao distrito não produzem ainda o efeito padronizador da paisagem e as principais atividades agrícolas lá desenvolvidas são o cultivo de laranja e a pecuária bovina. As próprias formas de acesso ao distrito demonstram o seu pequeno desenvolvimento econômico: todas as vias que o ligam à sede municipal, Uberlândia, são estradas de terra que, em períodos chuvosos, oferecem diversas dificuldades para os que percorrem este trajeto.

Através de entrevistas e diálogos com a população, sobretudo com os proprietários e trabalhadores do comércio local, foi possível obter as primeiras informações acerca do

distrito. Em relação à cana, a maioria afirma que a sua expansão na área distrital encontra-se em um estágio inicial, mas que há tempos a população tradicional convive com os migrantes, que trabalham nas plantações de laranja. Estes grupos vão para o distrito na época de colheita, lá se estabelecem em casas de aluguel - ainda que essas sejam muito poucas -, e retornam ao final da safra para a sua terra de origem. Segundo os próprios trabalhadores da laranja, no período de safra o distrito atrai cerca de oito ônibus cheios de trabalhadores, advindos do município de Prata, dos estados de São Paulo e da região Nordeste, que coabitam e dividem o aluguel das poucas casas lá disponíveis (figura 07).



Figura 07: Casa alugada por migrantes em Miraporanga.  
Autora: ALBINO, K. C. F. G.

O proprietário de um dos principais estabelecimentos comerciais de Miraporanga informou inclusive que cerca de cinco famílias de nordestinos já se instalaram no distrito e que estes convivem bem com a população local pois, segundo o seu relato, ambos possuem “costumes parecidos”.

Conforme as orientações da própria população, foram realizadas entrevistas com um migrante cearense que já habita o distrito há anos. Advindo do município de Piquete Carneiro, o morador relatou que tem conhecimento de lavouras de cana-de-açúcar que estão surgindo na região e que acredita que essa cultura agrícola trará inúmeros benefícios à população como a geração de empregos, a melhoria na infra-estrutura viária, o desenvolvimento econômico, entre outros. Ele expôs que seu primeiro contato com Miraporanga se deu no ano de 1984, por recomendações de familiares que trabalhavam nos cafezais e nas plantações de laranja, onde mais tarde ele começou a trabalhar. Segundo o migrante, ele trabalhou pendularmente em

Miraporanga até o ano de 1990, quando retornou para sua terra de origem. Coagido pelas difíceis condições de vida do Ceará, em 1998 o trabalhador voltou a trabalhar no distrito nos períodos de safra e lá se instalou definitivamente no ano de 2000. Ao se referir às condições de vida oferecidas naquele local, ele se refere a elas com total deslumbre. Segundo o trabalhador, o distrito lhe ofereceu oportunidades que ele acredita que nunca conseguiria na sua terra natal, como a casa modesta que já construiu e que divide com a esposa e com dois filhos.

Tendo em vista que o contrato nas fazendas de laranja é temporário, quando questionamos o morador quanto a forma como ele se mantém no período da entressafra, ele informou que juntamente com o seguro desemprego que recebe, ele realiza trabalhos alternativos como construção de cercas, atividades em outras fazendas – que inclui as plantações de cana no distrito e nos municípios vizinhos -, entre outros. Um ponto interessante a ser considerado na fala do trabalhador, é a importância do governo na vida da população nordestina. Segundo ele, o governo Lula além de custear as despesas dos trabalhadores nos períodos de entressafra com o seguro desemprego, é um dos únicos amenizadores das carências da região Nordeste do país, uma vez que oferece diversos tipos de ajuda como o Bolsa Família, o Bolsa Escola, o Auxílio Gás, entre outros. Nas suas palavras, “o Lula sustenta o Nordeste”.

Portanto, todas essas questões e particularidades percebidas nos distritos de Miraporanga e Tapuirama permitem refletir acerca dos reflexos das tendências de político-econômicas globais no local. A expansão da cana, em um momento de celebração de contratos do Brasil no exterior, ocasiona no campo do Brasil e nos seus pequenos distritos a alteração das formas do homem se relacionar com o seu meio, fora os deslocamentos dentro dos territórios, as modificações nos modos de vida das populações e as re-configurações nas relações entre o rural e o urbano brasileiros.

Os distritos aqui estudados apresentam temporariedades e práticas sociais menos ligadas às transformações tecnológicas, como aquelas encontradas comumente na sua sede. Embora muitos costumes e particularidades tenham se perdido e/ou se modificado em virtude das transformações que se processaram ao longo de sua história, essas comunidades ainda preservam costumes e simbologias herdadas dos primeiros habitantes da região e que, em decorrência das transformações que têm se processado em suas vidas, tendem a causar a perda gradativa da sua identidade cultural.

Uma vez que Miraporanga e Tapuira se conjugam nessa nova dinâmica social, econômica e espacial, torna-se evidente a necessidade do estudo dessas questões pela Geografia, que permite a análise dos desdobramentos dessas políticas econômicas nas relações entre a sociedade e natureza. Mais importante ainda que estudar as primeiras etapas da expansão da cana que se processam nestes distritos, é estudar outras áreas onde a produção canavieira está em pleno desenvolvimento, a fim de estabelecer paralelos entre ambos. Sem que haja a necessidade de percorrer longas distâncias, este trabalho propõe para a sua o estudo dessas questões em um outro município do Triângulo Mineiro, Santa Vitória, que agrega hoje duas usinas em fase de instalação: a Usina Santa Vitória Açúcar e Álcool e a Usina Vale do São Simão.

### **3.2.A expansão da cana-de-açúcar em Santa Vitória**

O município de Santa Vitória surge nesse contexto nacional e global já no ano de 2007 quando dois grupos lançaram projetos de instalação de duas usinas processadoras de cana-de-açúcar próximas aos seus distritos de Perdilandia (Usina Santa Vitória Açúcar e Álcool) e Chaveslândia (Usina Vale do São Simão). No início dos investimentos, ambos se mostravam como projetos comuns de unidades de produção sucroalcooleiras. Todavia, as distinções surgiram quando a localizada no primeiro distrito realizou uma parceria com a americana *Dow Chemical Company*, também conhecida no Brasil como *Dow Química*, para a instalação de uma indústria alcoolquímica em consórcio com a usina.

A conjunção de fatores convergentes de iniciativas do governo do Estado de Minas Gerais e da combinação conjuntural das forças produtivas dos municípios aí existentes, que inclui a proximidade e o acesso ao Porto de São Simão - facilitando o escoamento da produção até o Porto de Santos -, permitiu a especialização da região na produção alcooleira e da indústria alcoolquímica.

Dentre os impactos gerados por essa dinâmica, tal como avaliado anteriormente nos distritos de Uberlândia, existe o dos fluxos migratórios dirigidos ao município santa vitoriense, que englobam centenas de indivíduos todos os meses. Compreendendo que Santa Vitória possui uma oferta de aparelhos públicos e serviços que já são insuficientes para o atendimento da sua própria população, a chegada de uma massa cada vez mais expressiva de migrantes para os seus domínios tende a acarretar deficiências desses setores. Embora essa migração possa se mostrar como um problema para a conformação sócio-espacial e

populacional municipal, é fato que essa dinâmica persistirá enquanto for de interesse dos administradores e proprietários das unidades de processamento de cana, que dada a sua importância econômica, já possuem grande influência política no município.

Como esses trabalhadores, majoritariamente do gênero masculino, trabalham principalmente no período de safra, no restante do ano eles se dividem em dois grupos: o dos que retornam para a sua terra e o dos que permanecem na região, buscando emprego ora em outras usinas, ora em outras atividades, predominantemente agrícolas. Em relação ao primeiro grupo, foi possível perceber que no período de safra, eles deixam os seus sítios e casas com as esposas e as crianças no seu local de origem e migram temporariamente em busca de trabalho nas colheitas da cana-de-açúcar na região do Triângulo Mineiro. Quando retornam para a sua terra, eles levam consigo os suplementos monetários que lá não conseguiram realizar, se houvesse emprego, e permanecem fazendo esse movimento pendular ao longo de anos, ou até mesmo décadas.

Mais que uma questão econômica, a política favorável aos reposturamentos no ambiente rural dos Cerrados mineiros repercute no território em forma de deslocamentos de migrantes - que saem do seu local de origem e se reterritorializam nas áreas onde se instalam -, e em mudanças nos padrões de vida das populações residentes nas áreas que são invadidas pela dinâmica do capital, que chega no lugar e lhe imprime novas características e novos modos da sua população vivenciar seu cotidiano.

As informações de que atualmente se deslocam para Santa Vitória contingentes cada vez mais expressivos de trabalhadores advindos de outras áreas – cerca de 700 contratos pela Usina Santa Vitória em janeiro de 2009 -, sugerem que a preferência é dada aos rendimentos obtidos pela força de trabalho que vem de fora. Atribui-se a preferência a esses trabalhadores ao fato de que grande parte da população economicamente ativa da região não possui experiência com a produção de cana-de-açúcar e que portanto não é “qualificada” para essa atividade. Todavia, a observância de maiores possibilidades de inserção destes migrantes no mercado de trabalho de Santa Vitória, do que as da sua própria população têm acirrado questões de intolerância e preconceitos contra aqueles primeiros. Isso indica que esses trabalhadores advindos de outras áreas, que lhe negavam condições básicas de sobrevivência e que se dirigem para o município com expectativa de lá encontrar condições de inserção social e econômica, se vêem muitas vezes alheios a ambos os lugares. A respeito dos grupos sociais

que se deslocam pelo território na busca de melhores condições de vida nas lavouras, MARTINS (1993) observa que:

(...) Estamos falando de grupos humanos e de categorias sociais que têm sido mantidos à margem, excluídos da História. A nossa tradição histórica e corporativa pesa ainda na exclusão econômica da grande massa trabalhadora (...), excluindo-a, porém, politicamente e marginalizando-a socialmente (MARTINS, 1993, p. 30-31)

Sobre a recusa das populações locais em acolher os migrantes, o autor acrescenta que:

(...) Esta sociedade insiste em manter a duplicidade, em manter essas populações “fora” do processo histórico. Por isso, reage violentamente quando elas se manifestam e proclamam seus direitos. Elas acabam entrando residualmente no processo, na economia e, também, na política. (MARTINS, 1993, p. 32)

Tendo em vista o discurso do autor, é importante ressaltar que a própria existência dos contratos temporários nas lavouras assegura essa inserção residual do grupo de migrantes nas novas localidades. Como uma forma de não permitir que eles se sintam inseridos no local, e assim não se articulem e requisitem melhorias nas suas condições de vida, as empresas sucroalcooleiras contratam a mão-de-obra no período de entressafra, por exemplo, por um período de 30 dias que pode ser prorrogado conforme a conduta do trabalhador e as necessidades das lavouras em manter a sua subordinação à produção. Ou seja, não há dúvidas de que esta renovação de contrato por “boa-conduta” faz com que o trabalhador se sinta reprimido quanto a qualquer reclamação e luta por melhorias para a sua classe.

É a partir da análise do grau de participação dos grupos sociais na sociedade e no espaço nos quais se insere que se torna possível compreender a expressão das integrações que constituem um território (HEIDRICH, 2006). Dawsey (1997) faz ainda importantes análises a respeito das disparidades que cercam os trabalhadores rurais temporários e que, por sua vez, refletem o seu grau de integração sócio-espacial: enquanto estes, muitas vezes, são transportados em caminhões antigos, a cana-de-açúcar viaja em caminhões novos; a comida fria, da qual ele origina o nome, sinaliza a distância física e emocional do seu trabalho com a sua casa; a sua comida, possivelmente composta por arroz, feijão, milho, batata, entre outros, não constitui de produtos por ele cultivado na terra onde trabalha ou mora; enquanto a política elitista local vislumbra a inserção do local no global, sobretudo em termos econômicos, a classe deste trabalhador se interessa pela consolidação de um espaço que lhe garanta emprego e qualidade de vida; sendo pago por tarefa e cerceado de remuneração nos dias em que se encontra parado, a chuva que outrora lhe significava fartura, passa a lhe remeter à fome, por impedi-lo de trabalhar. Tais disparidades, conforme já afirmado, muitas vezes impede que tal trabalhador se veja inserido sócio-culturalmente em algum lugar, uma vez que ele não

consegue identificar-se e reconhecer-se tanto no local de onde saiu, quanto no local no qual se encontra.

Quanto àqueles trabalhadores temporários que optaram por instalar-se no município de forma permanente, um fato importante a ser pensado é a destinação desses indivíduos quando houver a introdução da colheita mecanizada, conforme pretendido pela Usina Santa Vitória já para a sua primeira safra. Mais que uma política da empresa, se compreendermos que a legislação brasileira prevê o fim das queimadas para os próximos anos em todo o território nacional – a partir de 2014 -, e que tal medida tornará mais viável a utilização das máquinas que a de seres humanos, torna-se importante questionar o que será “feito” desses grupos de indivíduos que se instalaram na região sob a perspectiva da garantia das suas condições de sobrevivência através da sua inserção no mercado de trabalho sucroalcooleiro. Provavelmente, se as autoridades públicas de Santa Vitória não tomarem atitudes de capacitação destes trabalhadores para a sua inserção futura em outras atividades do setor, como o manejo de máquinas, os níveis de pobreza e violência do município tenderão a aumentar.

Ainda não existe por parte de nenhuma das usinas planos consolidados de construção de moradias populares no município. Para a Usina Vale do São Simão a proximidade maior com o município goiano de São Simão torna mais interessante investir lá que em Santa Vitória. Já a Usina Santa Vitória tem preferido fornecer ônibus que busquem trabalhadores diariamente em Ituiutaba e demais municípios para não ter que lidar com as complexas exigências para a construção de moradias que agreguem todas as condições necessárias à permanência desses indivíduos na área urbana santa vitoriense. Ainda assim, desde o início da expansão sucroalcooleira, a quantidade de casas disponíveis para aluguel no município praticamente desapareceu, dada a procura dos migrantes que muitas vezes deixam o aluguel pago pelo ano inteiro para que, ao retornar, tenham um lugar para ficar.

A relação patrão-empregado das duas usinas já é composta por negociações e conquistas políticas. Conforme um acordo estabelecido entre o sindicato, que representa os cortadores de cana, com os empregadores das usinas, o jornada de trabalho nas lavouras inicia-se às 7h da manhã e se estende até as 15:48, incluindo a pausa de uma hora para o almoço (que os trabalhadores nem sempre cumprem, para aumentar a sua produtividade e, conseqüentemente, os seus rendimentos), que se dá em estruturas precárias que lhes são fornecidas (foto 08) e outras duas de dez minutos às 9h da manhã e às 14h para a ingestão de bebidas lácteas e isotônicas que lhes ofereçam condições de melhor trabalhar nas lavouras e

evitar a fadiga. O abastecimento dos galões de água também é feito, conforme estabelecido nos acordos com os bóias-frias.



Foto 08: Estrutura armada para a realização da refeições nas lavouras - Santa Vitória (MG).  
 Autora: ALBINO, K. C. F. G., 2008.

As reflexões sobre os impactos que a dinâmica da cana-de-açúcar tende a causar no município de Santa Vitória, nos modos de vida da sua população e nas relações que os migrantes vêm desenvolvendo com a região tendem a atingir proporções inestimáveis. A agregação de dois projetos, que inclui um empreendimento inédito no país e no mundo – o do pólo alcoolquímico -, fará com que o município se projete no espaço global através da dinâmica sucroalcooleira que tem se expandido na região de uma maneira que, sem dúvidas, trará inúmeras repercussões no espaço vivido do município e da região. Assim, acerca dessas questões, é possível concluir que, tal como SANTOS afirma:

Não existe um espaço global, mas, apenas, espaços da globalização. (...) O Mundo, porém, é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares. (...) Mas o território termina por ser a grande mediação entre o Mundo e a sociedade nacional e local, já que, em sua funcionalização, o 'Mundo' necessita da mediação dos lugares, segundo as virtualidades destes para usos específicos. Num dado momento, o 'Mundo' escolhe alguns lugares e rejeita outros e, nesse movimento, modifica o conjunto dos lugares, o espaço como um todo. É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar (SANTOS, 1996, p.271).

Isso significa que embora Santa Vitória tenha sido escolhida pelo “mundo” como um espaço da globalização, a realidade do município está longe de refletir um lugar homogêneo: este lugar, que acolhe a dinâmica sucroalcooleira, as modernidades do pólo alcoolquímico e a entrada de capitais, exclui e rejeita ao mesmo tempo grande parte da população que, embora se insira nesse contexto como força de trabalho, não compartilha dos verdadeiros avanços e

benefícios do avanço do capital sobre o território. Mais que isso, esse lugar que agrega interesses locais, nacionais e globais, e que a partir daí se re-configura para o atendimento das exigências do capital, terá que lidar com o ônus do crescimento urbano desordenado e da geração de capitais que muitas vezes serão pouco voltados para o seu efetivo desenvolvimento e para a solução dos conflitos sociais, culturais, espaciais e territoriais que se desenvolverão a partir da expansão sucroalcooleira nos seus domínios.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As políticas de incentivo à indústria sucroalcooleira, sobretudo a partir de parcerias do governo do Brasil têm estabelecido com outros países, influenciará diretamente na questão agrária e agrícola do país, uma vez que exigirá a reestruturação e a apropriação de novas áreas para o cultivo da cana-de-açúcar. Sendo assim, é pertinente que se façam indagações e previsões acerca desses impactos econômicos, sociais e culturais, nas populações ligadas direta e indiretamente a esse processo, pois as ciências sociais e humanas devem buscar colaborar com a manutenção e a preservação dos aspectos particulares sócio-culturais dos povos que, embora se encontrem às margens do processo capitalista, são diretamente afetados por ele.

A análise dos resultados desta pesquisa permite concluir que é grande a demanda por estudos que investiguem e compreendam este processo de expansão da cana-de-açúcar na região do Triângulo Mineiro. Ao mesmo tempo em que se torna importante acompanhar as etapas de desenvolvimento desta nova dinâmica em áreas onde tradicionalmente havia o predomínio de outras atividades agropecuárias e de modos de vida já consolidados, a análise de outras localidades onde a cana-de-açúcar se desenvolveu a ponto de ter grande influência na sua economia, na sua população e nos seus modos de vida torna-se fundamental para a sua compreensão e para o estabelecimento de perspectivas futuras.

No que se refere ao estudo dos fluxos migratórios e da expansão da cana-de-açúcar nos distritos de Miraporanga e Tapuirama, foi possível avaliar que tal dinâmica encontra-se ainda em um estágio inicial nessas localidades, o que torna necessário o acompanhamento contínuo dos seus desdobramentos.

A expansão da agricultura da cana-de-açúcar em Santa Vitória, resultante da política agrícola nacional e local, implica em uma série de reestruturações na configuração do espaço e nas práticas sociais dos indivíduos envolvidos nesse processo. A maior parcela da população

dessa área possui ligação direta com o meio rural e os valores e as tradições desenvolvidas historicamente no campo repercutem até hoje nos modos de vida da mesma.

Santa Vitória se insere em um contexto regional e nacional de expansão da cana-de-açúcar que reafirma questões históricas do campo brasileiro, como a migração de indivíduos das regiões onde a oferta de empregos é mais restrita, para novas áreas cuja oferta é maior. Assim, o município tem passado por um processo cada vez mais intenso de territorialização, influenciado sobretudo pelos fluxos migratórios que envolvem indivíduos que se deslocam para as suas terras em busca de oportunidades e que lá se territorializam, alterando o espaço vivido construído e consolidado pelo modo de vida pacato da sua população; o que a obriga reestruturá-los, a romper com os territórios criados anteriormente e a construir novos contextos sócio-espaciais que se adaptem a essa nova realidade.

Observa-se com este trabalho que a expansão da cana-de-açúcar na região do Triângulo Mineiro se reproduz em localidades diferentes e de formas variadas. Nessas localidades, a nova dinâmica canavieira vai além das suas repercussões econômicas por entender que os seus impactos extrapolam a esfera produtiva e permeiam também o meio ambiente e a sociabilidade dos indivíduos.

Dessa forma, este estudo permitiu a identificação de alguns dos elementos que constituem este processo, além da sua construção histórica e das suas alterações, que devem continuar a serem estudados, para uma melhor compreensão da realidade global que invade a região do Triângulo Mineiro a partir da expansão da cana-de-açúcar.

## **5. AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à Universidade Federal de Uberlândia, à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio e financiamento a esse projeto.

## **6. REFERENCIAS**

Obras consultadas

BERTELLI, Luiz Gonzaga. *A verdadeira história do Pró-Álcool*, 2005 Disponível em:<<http://www.biodieselbr.com/proalcool/historia/proalcool-historia-verdadeira.htm>>.

Acessado em outubro de 2008.

- BRANDÃO, Carlos Antônio. *Triângulo, Capital Comercial, Geopolítica e Agroindústria*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, 1989.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- CLEPS JÚNIOR, João. *Dinâmica e estratégias do setor agroindustrial no cerrado: o caso do Triângulo Mineiro*. 291 f. Tese (Doutorado em Organização do Espaço) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP /Rio Claro, 1998.
- DAWSEY, John Cowart. “*Caindo na cana*” com *Marilyn Monroe*: tempo, espaço e “bóia-frias”, 1997. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000100007&script=sci\\_arttext&tlng=>](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011997000100007&script=sci_arttext&tlng=>)>. Acessado em julho de 2008.
- FAZITO, Dimitri. *A Análise das redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade*. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto, 2002. Disponível em <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT\\_MIG\\_ST1\\_Fazito\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST1_Fazito_texto.pdf)>
- GUATTARI, E; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz. *Territorialidades de exclusão e inclusão social*. São Paulo: Vozes, 2006.
- MARTINS, José de Souza. *A chegada do estranho*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.
- MONTES, S. R.; OLIVEIRA, H. C. M.; RASTRELO E SILVA, R. *Cidade Média e Desenvolvimento Local: relações socioespaciais de Uberlândia (MM) e seus distritos*, 2005. Disponível em <<http://www2.prudente.unesp.br/gasperr/simposio/SilmaRabelo.PDF>>. Acessado em julho de 2008.
- NARITOMI, Joana. *Herança Colonial, Instituições & Desenvolvimento: um estudo sobre a desigualdade entre os municípios brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, PUC – Rio / Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0510685\\_07\\_cap\\_04.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0510685_07_cap_04.pdf)>. Acessado em julho de 2008.
- SANTOS, Alan Lanke dos. *Setor sucroalcooleiro: conjuntura e perspectiva*. 2005. Disponível em: <[http://www.ipardes.gov.br/pdf/bol\\_ana\\_conjuntural/bol\\_27\\_4g.pdf](http://www.ipardes.gov.br/pdf/bol_ana_conjuntural/bol_27_4g.pdf)>. Acessado em junho de 2008.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo : Hucitec, 1996.

SEVERO, J. R. *O álcool, o Brasil e o mundo*. 2006. Disponível em: <[http://cna.org.br/site/down\\_anexo.php?q=E15\\_14622oalcoholbrasileomundo.pdf](http://cna.org.br/site/down_anexo.php?q=E15_14622oalcoholbrasileomundo.pdf)>.

Acessado em janeiro de 2008.

SPOSITO, Eliseu Savério. Sobre o conceito de território: um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do sudoeste do Paraná. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. *Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

STADUTO, J. A. R. (Docente ); ROCHA JR, W. F. (Docente ); BITENCOURT, M. B. (Outro Participante ). *Contrato no mercado de trabalho agrícola: o caso das cooperativas de trabalhadores rurais*; Revista de Economia e Sociologia Rural, 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032004000400006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032004000400006)>.

Acessado em maio de 2008.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

#### **Sites consultados**

*Economia & Energia*. Disponível em: <[http://ecen.com/eee47/eee47p/precos\\_petroleo\\_3choq.htm](http://ecen.com/eee47/eee47p/precos_petroleo_3choq.htm)>. Acessado em agosto de 2008.

*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE*. Disponível em <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acessado em novembro de 2007.

*Ministério da Agricultura*. Disponível em: <[www.agricultura.gov.br](http://www.agricultura.gov.br)>. Acessado em outubro de 2008.

*Prefeitura Municipal de Uberlândia*. Disponível em: <[www.uberlandia.mg.gov.br](http://www.uberlandia.mg.gov.br)>. Acessado em dezembro de 2007.

*Portal do Biodiesel*. Disponível em: <[www.biodieselbr.com](http://www.biodieselbr.com)>. Acessado em outubro de 2008.

*Terra Notícias*. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1463828-EI8330,00.html>>. Acessado em agosto de 2008.

*Yahoo Notícias*. Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/s/afp/080901/economia>>. Acessado em agosto de 2008.